

Sarney quer partidos adequados à abertura

Montar uma estrutura partidária capaz de transformar a Arena de partido congressual e atuante quase só em vésperas de eleições, numa agremiação capaz de ocupar plenamente os espaços democráticos recém-abertos pelas reformas políticas, constitui uma das prioridades do novo presidente arenista, senador José Sarney.

Esta falta de operacionalidade de que a Arena se ressentite, segundo Sarney não decorre de falhas de seus antecessores na direção do partido, sendo também comum ao MDB. Por isto ele vai propor ao presidente emedebista, deputado Ulysses Guimarães, um debate aberto em torno da conveniência da reformulação da legislação partidária e de sua consolidação com a finalidade de desemperrar uma máquina que dificulta o exercício da missão para a qual foi criada. Pois é assim que vê os partidos brasileiros neste momento. Sarney entende que, sendo a hora de afirmação democrática, a política ganha especial destaque e o conduto natural para seu exercício — os partidos — não podem continuar carentes dos mínimos recursos, inclusive financeiros, para exercerem a sua destinação institucional.

O presidente da Arena diz reconhecer que o MDB é um partido que abriga tendências distintas e até mesmo conflitantes — « não é à toa que até mesmo seus dirigentes admitem que se trata de uma confederação de oposições » — mas declara-se convencido de que aqueles que

atuam na faixa da moderação e não do radicalismo terão consciência da importância histórica de sua participação nos entendimentos políticos nos quais deverá se assentar o prosseguimento das reformas. Ele admite que neste momento as idéias estão sendo lançadas e não há porque haver definições prontas e acabadas de tudo que está em causa, como se política fosse ciência exata. E sob este enfoque que vê a conciliação do general Figueiredo como « fato de excepcional relevância, na medida em que caracteriza uma intenção, da união dos brasileiros no ordenamento democrático do país ». Mas também adverte que o MDB precisará, em seu devido tempo, conceituar melhor as suas próprias bandeiras de luta, como a anistia, por exemplo. « Eu mesmo já ouvi de dois senadores do MDB que acham perfeitamente razoável que a anistia não seja estendida a criminosos. Este é meu pensamento e, com esta ressalva, entendo que ela deva ser a mais abrangente possível ».

Com relação à Constituinte, Sarney a considera « totalmente inconveniente » pela razão elementar de que há um Congresso recém-eleito e com poderes expressivos para emendar a Constituição ». E indaga: « Não seria uma atitude realista e que não implicaria diminuição para qualquer das partes um entendimento de alto nível entre os partidos para a fixação daquilo que seria os objetivos prioritários a serem alcançados para o aperfeiçoamento das instituições democráticas? »